

**A realidade sacramental da Liturgia à luz do realismo zubiriano:  
análise da atualidade de Cristo, de sua morte e ressurreição,  
na celebração dos Sacramentos e na vida**

**The sacramental reality of the Liturgy in the light of Zubirian realism:  
analysis of the actuality of Christ, his death and resurrection,  
in the celebration of the Sacraments and in life**

*Marcos Vieira das Neves\**

**Resumo:** O título deste trabalho a ser apresentado no VI Congresso Internacional Xavier Zubiri é o mesmo de nossa tese doutoral, defendida e aprovada por banca da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Depois de termos estudado e aprofundado os conceitos básicos do pensamento zubiriano, especialmente a apreensão de realidade pela inteligência senciente, dedicamo-nos ao estudo de categorias centrais da Teologia litúrgica, a saber ação, rito, símbolo e realidade para, em seguida, estabelecer os pontos de contato com a Filosofia do autor. Neste trabalho, queremos retomar nossa tese doutoral e destacar a centralidade das categorias religação, plasmação e dei-formação, conforme apresentadas na Trilogia teológica, que nos permitiram estabelecer uma interface entre o pensamento zubiriano e a Teologia litúrgica. Com isso, pretendemos destacar, mais uma vez, a grande contribuição da Filosofia de Xavier Zubiri para a fundamentação do trabalho teológico no século XXI. De especial relevância para nosso tema, assim como para a interface mencionada, é a atualidade: trata-se de um conceito importantíssimo para entender como seu pensamento contribui para a Teologia. Atualidade é o simples fato de a coisa real estar desde si mesma; não se trata, como muitos pensam, que é um conceito relacionado com o ato aristotélico. Para Zubiri atualidade é que a coisa real simplesmente está, desde e por si mesma. Ao ser aplicado à Teologia litúrgica, o conceito de atualidade, elaborado por Zubiri, ilumina a Sacramentária do seguinte modo: na Liturgia, as ações de Cristo são atuais à Igreja, ao mesmo tempo, porém, a Igreja se atualiza a si mesma na Liturgia, ou seja, a Igreja se faz na Liturgia porque a Liturgia faz a Igreja. Aqui, podemos usar o verbo plasmar: a Liturgia, por ser atualidade das ações de Cristo, plasma o Corpo, assim como os membros do Corpo. A Igreja e seus fiéis, naquilo que lhes é próprio, isto é, ser Corpo de Cristo, são plasmados por ele, na Liturgia. Sendo assim, a Igreja é Corpo de Cristo e princípio de atualidade dele no mundo; nela, está viva a vida de Cristo, da mesma forma que nos cristãos a vida dele permanece. Trata-se da vida que Cristo comunicou aos discípulos quando os fez cristãos; ele está vivo em quem o acolhe (Gl 2,20).

**Palavras-chave:** Liturgia; Sacramento; Religação; Plasmação; Dei-formação.

---

\* Doutor em Teologia cristã pela PUC-SP.

E-mail: [pemarcosneves@gmail.com](mailto:pemarcosneves@gmail.com)

**Abstract:** The title of this paper to be presented at the 6th International Xavier Zubiri Congress is the same as our doctoral thesis, which was defended and approved by the board of the Nossa Senhora da Assunção Faculty of Theology at the Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP). After having studied and deepened the basic concepts of Zubirian thought, especially the apprehension of reality by sentient intelligence, we dedicated ourselves to the study of central categories of liturgical theology, namely action, rite, symbol and reality, and then established points of contact with the author's philosophy. In this paper, we want to return to our doctoral thesis and highlight the centrality of the categories of reconnection, plasmation and dei-formation, as presented in the Theological Trilogy, which have allowed us to establish an interface between Zubirian thought and liturgical theology. With this, we want to highlight once again the great contribution of Xavier Zubiri's philosophy to the foundation of theological work in the 21st century. Especially relevant to our topic, as well as to the interface, is actuality: this is a very important concept for understanding how his thought contributes to theology. Actuality is the simple fact that the real thing is from itself; it is not, as many people think, a concept related to the Aristotelian act. For Zubiri, actuality is that the real thing simply is, from and by itself. When applied to liturgical theology, Zubiri's concept of actuality illuminates the Sacramentary in the following way: in the Liturgy, Christ's actions are actual to the Church, but at the same time, the Church actualizes itself in the Liturgy, that is, the Church is made in the Liturgy because the Liturgy makes the Church. Here, we can use the verb to shape: the Liturgy, being the actuality of Christ's actions, shapes the Body, as well as the members of the Body. The Church and her faithful, in what is proper to them, that is, being the Body of Christ, are shaped by him in the Liturgy. Therefore, the Church is the Body of Christ and the principle of his actuality in the world; the life of Christ is alive in her, just as his life remains in Christians. It is the life that Christ communicated to his disciples when he made them Christians; he is alive in those who welcome him (Gal 2:20).

**Keywords:** Liturgy; Sacrament; Religion; Plasmation; Dei-formation.

## Introdução

Esta comunicação de pesquisa tem por objetivo apresentar a tese “A realidade sacramental da Liturgia à luz do realismo zubiriano: análise da atualidade de Cristo, de sua morte e ressurreição, na celebração dos Sacramentos e na vida” que aborda a Liturgia enquanto realidade, na qual as ações de Cristo são atualizadas, tanto na celebração dos Sacramentos quanto na vida dos cristãos.

Nossa pesquisa parte da compreensão teológica da Liturgia do Concílio Vaticano II, que a apresenta como atualização das ações de Cristo e não como mero sinal que remeteria a outra realidade. As ações litúrgicas são verdadeiramente reais e incorporam o homem em Cristo, fazendo dele um cristão, isto é, um “outro Cristo” no mundo.

Tendo como base teórico-metodológica a análise das obras de Zubiri, sobretudo a *Trilogia da Inteligência Senciente* e a *Trilogia teologal*, e de inúmeros comentadores, desenvolvemos o trabalho, usufruindo de seu pensamento, para afirmar que a realidade da Liturgia é precisamente sacramental. Não indica arbitrariamente algo, mas é ação do próprio Cristo, especialmente em sua ação suprema, a Páscoa.

### **Apresentação da tese**

No primeiro capítulo de nossa tese, abordamos a realidade sacramental da Liturgia e o realismo de Zubiri. O capítulo foi dividido em três partes: na primeira, apresentamos a Liturgia como realidade sacramental, como ação que realiza a união entre Deus e os homens e dos homens entre si – ambas as realidades, a de Deus e a da comunidade que celebra, estão na Liturgia; na segunda parte, abordamos o pensamento filosófico de Zubiri que indica a “inteligência senciente” para a apreensão (não só experiência) do real, ou seja, graças à realidade atualizada na intelecção é possível avançar para uma reflexão, em nosso caso, sacramentária. Como afirma Millás, comentando Zubiri, as ações de Cristo incorporadas pelo Cristianismo possuem caráter significativo “porque não só significam algo, mas produzem efetivamente aquilo que significam” (MILLÁS, 2001, p. 311); e, na terceira parte, refletimos como o pensamento de Zubiri nos conduz à verdade real, fundamento da verdade racional. Isso nos possibilita verificar como a realidade de Deus, ao se atualizar novamente na intelecção, nos conduz à formulação de um logos e à busca da verdade, isto é, a realidade de Deus, que se dá na Liturgia e atualizada na intelecção, nos leva à sua própria verdade.

Nesse sentido, a Liturgia é busca pela verdade, não uma busca lógica como mera verificação de conteúdos, mas sim uma busca pela verdade constituída sobre as realidades de Deus e homem que se dão de si mesmos nas ações litúrgicas. Por isso, em nosso segundo capítulo, abordamos primeiramente uma nova visão da sacramentalidade passando pela ação, pelo rito, pelo símbolo e pela realidade para podermos chegar à realidade sacramental da Liturgia desde o realismo de Zubiri, momento, no qual nossa tese efetivamente aparece.

Pela inteligência senciente, o homem se situa, constitutivamente aberto, diante da realidade. Ele sente e se sente a si mesmo, sente-se na realidade. Porém, ele se sente na realidade como um relativamente absoluto. É a vontade de verdade que lança o homem à busca do

fundamento da realidade e de sua realidade, tornando, assim, autor de seu próprio ser pessoal apoiando-se e fundamentando-se no poder do real experienciado como realidade relativamente absoluta. Por isso, o modo radical da experiência que o homem faz de Deus é a vontade de verdade, a busca pela ligação com a realidade e seu fundamento. Entendamos bem, verdade em Zubiri significa verdade real, isto é, o modo radical da experiência da realidade e de seu fundamento.

Na Criação, o homem é dei-formado, contudo, pela queda, a ligação do homem com a realidade passou a ser condicionada pelo poder do pecado. Logo, a obra redentora de Cristo, que transforma o homem, consiste na plasmação de uma religação do homem à realidade e a seu fundamento, convertendo-a em religação filial semelhante à sua, cuja prioridade é o acatamento da vontade do Pai manifestada na realidade. É no pleno respeito à liberdade do homem que o acatamento acontece. A obra de Cristo é, portanto, a religação, a dei-formação do homem; ele funda uma religação e não um conjunto de normas e ritos a serem transmitidos.

Desta forma, a dinâmica de plasmação só se realiza pela ação do próprio Cristo. A dinâmica das ações que plasmou os primeiros cristãos continua sendo necessária para “fazer outros cristãos”. Por conseguinte, a vontade de verdade leva o homem a configurar-se com Cristo, isto é, a viver a religação à realidade e a seu fundamento como uma experiência filial. Sendo assim, ao participar do Mistério Pascal de Cristo o fiel é conduzido a morrer para o pecado e ter acesso à vida nova, própria dos filhos de Deus.

Não exclusivamente, mas principalmente, a atualidade de Cristo, de sua morte e ressurreição, acontece na celebração dos Sacramentos e na vida da comunidade, quando os cristãos fazem cristãos a outros. Portanto, a permanência das ações de Cristo, concentradas no ato supremo de sua morte e sua ressurreição, acontece na liturgia e, sendo assim, podemos afirmar que a atualidade de Cristo realiza a realidade sacramental da Liturgia.

Definitivamente, a realidade sacramental da Liturgia à luz do realismo zubiriano não pode ser entendida meramente como comunicação, transmissão ou realização de uma doutrina ou de normas. Sem espaço para dúvidas, o caráter sacramental da Liturgia está, antes de tudo, na transmissão das ações do próprio Cristo, sobretudo de seu ato supremo, em que todos os fiéis, pela Liturgia, participam. Ao mesmo tempo, a realidade sacramental da Liturgia acontece nas ações dos cristãos, nos ritos e na vida; a permanência das ações de Cristo, por conseguinte

a permanência de si próprio, se dá nas ações de seu Corpo, de modo particular, na celebração dos Sacramentos (PTH, p. 657-658).

Com relação aos Sacramentos, Zubiri recorda e resume a compreensão tradicional: eles são “sinais sensíveis e eficazes” que conferem a graça para a santificação do homem. No entanto, embora esteja de acordo com o conceito, ele o considera insuficiente (MILLÁS, 2014, p. 253). Para o autor, um conceito mais correto e mais adequado dos Sacramentos requer a explicitação temática dos três momentos que constituem a essência da ação sacramental; não basta dizer que está implícito.

Como primeiro momento, Zubiri explicita as ações de Cristo mesmo; como segundo momento, o autor esclarece que os Sacramentos são as mesmas ações que Cristo performou em sua vida; como terceiro momento, ele refere-se às ações que permanecem depois da morte de Cristo e são repetidas pela comunidade significativamente (PHT, p. 657). Somente a unidade desses três momentos constitui a essência dos Sacramentos. Além disso, os Sacramentos são celebrados para serem recebidos; sua recepção requer a conversão do coração da parte do homem.

A Liturgia é o *locus* próprio da celebração dos Sacramentos, logo ela tem caráter sacramental pela ação de Cristo (GONZÁLEZ, 1993, p. 29). Assim, os dois momentos que constituem a ação de Cristo na Liturgia são: a própria ação de Cristo e a recepção dos Sacramentos com fé e conversão (PHT, p. 658). Poderíamos dizer que esses momentos corresponderiam ao *ex opere operato* e ao *ex opere operantis* da Teologia clássica.

Na Liturgia, as próprias ações de Cristo atualizam seu Mistério Pascal de modo mediado, porém real, e transformam o ser do homem, configurando-o à figura de Cristo. Por isso, os três momentos investigados por Zubiri são de especial importância para nossa tese. Pois, a permanência das ações de Cristo na celebração dos Sacramentos, na Liturgia, acontece mediante as ações de cristãos – “pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,20). Na unidade dos três momentos citados realiza-se a transformação do homem; o fiel é plasmado na morte e na ressurreição de Cristo e há nele uma transformação pessoal e profunda. No entanto, embora seja primário e radical o poder de Deus na permanência da ação de Cristo, não existiria um *operatum* sem uma operação por parte daquele que recebe (PTH, p. 658).

O conceito de atualidade em Zubiri é importantíssimo para entender como seu pensamento contribui para a questão sacramental. Atualidade para nosso autor é o simples fato de a coisa real estar desde si mesma; não se trata, como muitos pensam, que é um conceito relacionado com o ato aristotélico. Para Zubiri atualidade é que a coisa real simplesmente está, desde e por si mesma.

O conceito de atualidade, elaborado por Zubiri, ao ser aplicado à Teologia da Liturgia ilumina a Sacramentária do seguinte modo: na Liturgia, as ações de Cristo são atuais à Igreja, ao mesmo tempo, porém, a Igreja se atualiza a si mesma na Liturgia, ou seja, a Igreja se faz na Liturgia porque a Liturgia faz a Igreja. Aqui, podemos retomar o verbo plasmar, que temos usado: a Liturgia, por ser atualidade das ações de Cristo, plasma o Corpo, assim como os membros do Corpo. A Igreja e seus fiéis, naquilo que lhes é próprio, isto é, ser Corpo de Cristo, são plasmados por ele, na Liturgia.

Com efeito, Paulo afirma que a Igreja é Corpo de Cristo (1Cor 12,12-31; Rm 12,5) e, segundo a filosofia zubiriana, o Corpo de Cristo é o princípio formal da atualidade da realidade humana. Sendo assim, a Igreja é Corpo de Cristo e princípio de atualidade dele no mundo; nela, está viva a vida de Cristo, da mesma forma que nos cristãos a vida dele permanece. Trata-se da vida que Cristo comunicou aos discípulos quando os fez cristãos; ele está vivo em quem o acolhe (Gl 2,20).

Cristo fez cristãos os primeiros discípulos que o acolheram; por sua vez, os primeiros cristãos, por serem agora membros do Corpo de Cristo, fizeram cristão a outros em ações que atualizavam as mesmas ações de Cristo; somente essas ações podem fazer verdadeiramente cristãos os homens. Nesse sentido, a essência da Igreja consiste, pura e simplesmente, em ser Corpo de Cristo, ou seja, atualizar suas ações fazendo cristãos os homens. Em outras palavras, permitir que eles se realizem no mundo segundo a religação à realidade e a seu fundamento de forma semelhante à religação do Filho encarnado.

A Liturgia não deve ser entendida como mero serviço (no sentido de serviço a Deus) realizado pelo homem; graças à realidade da própria Liturgia, isto é, a atualidade divina, o homem, que nela está, se realiza. A realidade sacramental da Liturgia acontece pelo “estar” de sua sacramentalidade, enquanto sacramental; trata-se de um fazer-se presente de Deus na ação litúrgica.

Unida à atualidade, Zubiri reflete sobre o corpo humano. Para ele, o homem é corpóreo, ou seja, o corpo não é uma parte da realidade do homem, mas um momento intrínseco e formal da sua realidade. O corpo humano é um sistema de propriedades, cada uma das quais tem sua posição determinada em relação às demais; trata-se de uma posição estrutural, logo o corpo humano é organismo. Nas palavras de Zubiri, “o corpo humano é um momento intrínseco e formal da realidade humana, o homem ‘é’ corpóreo” (PTH, 803).

Além disso, o corpo humano possui uma complexidade própria, uma organização segundo a qual suas partes são solidárias entre si, e conferem ao corpo sua configuração própria. Assim, o momento da configuração é distinto do momento de organização. Embora sejam várias as funções orgânicas, a configuração do corpo se mantém única. Nesse sentido, a presença real e física do homem na realidade é determinada pela organização e configuração do corpo. Dessa forma, o corpo é corporeidade.

Afirmar que o homem é corpóreo significa que a corporeidade é o próprio princípio radical de seu estar presente na realidade: corpo é *sōma*. Sustentamos, portanto, que o corpo “sou eu mesmo”, isto é, “eu mesmo que estou presente aqui”. Nesse sentido, não podemos confundir corpo com organismo; corpo é corporeidade, e como tal, é princípio intrínseco e formal de atualidade.

Todos aqueles que participam da Liturgia se unem com ao Corpo de Cristo, que é Ele mesmo, mas também sua Igreja. Tal unidade de cada fiel a Cristo na Liturgia “realiza” o fato de Cristo se fazer atual em cada fiel e em toda a comunidade celebrante. Nisto consiste o ponto primordial da realidade sacramental da Liturgia e sua razão formal: a comunhão com a Pessoa de Cristo.

Os participantes da Liturgia formam corpo com Cristo. O “estar” na Liturgia, que expressa um significado muito mais profundo que participar, conforme o que estamos expondo, faz com que se adquira a atualidade de Cristo, sua virtude, sua presença. Trata-se, formalmente, da incorporação ao Corpo de Cristo; todos os fiéis, pela Liturgia, formam um mesmo Corpo com Cristo, todos são “co-corpóreos” em Cristo, porque todos estão em Cristo. Nesse sentido, a sacramentalidade da Liturgia tem sua formalidade na atualidade da realidade do Corpo de Cristo, na atualidade da realidade de incorporação a Cristo e na realidade da corporeidade de Cristo. Logo, a essência formal da realidade sacramental da Liturgia é a comunhão pessoal, a

incorporação ao Corpo, à corporeidade de Cristo. Assim, os cristãos, estando na Liturgia, são feitos por ela, incorporando-se ao corpo de Cristo, tornam-se corpo de Cristo e fazendo-o atual.

Por fim, em nosso último capítulo, tivemos o propósito de comprovar que fomos bem-sucedidos em nossa pesquisa confrontando-a com a Eclesiologia de Francisco ao verificar os pontos de contato entre seus textos magisteriais e o pensamento de Zubiri. A escolha da assim chamada “Igreja de Francisco” para esse confronto se dá porque seu Magistério pontifício e ações cotidianas estão em plena sintonia com o ensinamento do Concílio Vaticano II. Tal visão de Igreja aponta para Jesus Cristo e para o mundo, servindo o Mestre e Senhor e desenvolvendo sua missão na sociedade hodierna.

Afirmamos a partir de Zubiri que as ações dos cristãos são as ações do próprio Cristo. “O cristão tem que fazer outros cristãos. E tem que fazê-lo fazendo efetivamente o que fez Cristo” (PHT, p. 653). Nesse sentido, como já afirmamos, a Liturgia é *locus* privilegiado, no qual o homem é plasmado em Cristo, suas ações passam a ser as ações dele. Uma vez plasmado em Cristo, o homem e todo o Corpo, com o qual cada um forma uma unidade, são incorporados no único Corpo de Cristo, sua Igreja (PTH, p. 654).

Mais que uma *societas perfecta*, a Igreja é Povo de Deus peregrino; sua vocação de participação plena no Reino definitivo de Deus decide sua marcha pelo mundo. Esta é a visão de uma Igreja que tem por missão o serviço à vida de todos, como Jesus ensinou. A Liturgia passa, então, a ser vista não como um conjunto de normas e regras, mas plasmação e dei-formação do homem em que os fiéis são feitos cristãos no mundo. Eis a raiz formativa da Liturgia: dar-nos a forma de Cristo, plasmar-nos como verdadeiros filhos de Deus.

## Conclusão

Em nossa tese doutoral, sustentamos que a Liturgia não se constitui mediante uma série de gestos e de sinais que remetem o homem a Deus. No conjunto dos ritos e das preces (SC 48), Deus mesmo dá de si e faz da Liturgia realidade salvífica. Ele está nas celebrações litúrgicas como um absoluto “dar de si” (HD2, p. 191); sua realidade na Liturgia, à luz do realismo zubiriano, é última, possibilitante e impelente; o acesso a essa realidade é a religação em si mesma. O encontro com Deus na Liturgia é o desdobramento da própria religação, da plasmação dei-formante (HD2, p. 218).

Porque é doação de Deus e entrega do homem, na qual Deus mesmo tem a iniciativa por meio de Cristo, o homem entrega-se a Deus pela incorporação no Corpo de Cristo (HD2, p. 219). Na Liturgia, nos é dada a “garantia e a possibilidade de encontrar o Senhor Jesus e de ser alcançados pela potência de sua Páscoa” (DD 11); tornamo-nos filhos no Filho, somos nele plasmados.

Com isso, a realidade sacramental da Liturgia, “permite, aqui na terra, ver a Deus na celebração dos mistérios e, ao vê-lo, ser vivificados” (DD 43) por ele. A salvação nos alcança nas celebrações eficazmente, plasmando em nós a religião filial de Cristo, fazendo que sejamos por ele dei-formados (HD2, p. 14).

Pela Liturgia, Deus se apodera do homem – individuo, sociedade e história – e o faz ser, em Cristo, como ele; o homem é o que é, é o que lhe é mais próprio, contudo, é em Deus. Isso é dei-formidade, ou seja, ser humanamente Deus (HD2, p. 14). Pela realidade sacramental das celebrações litúrgicas, Deus dá de si, dá sua própria realidade e, por isso, funda a realidade humana em si (HD2, p. 529).

Porque o encontro entre Deus e o homem nas ações litúrgicas é real, o assombro essencial da celebração, que, segundo Francisco, é atitude experimentada por quem sabe que está diante da peculiaridade do simbólico, torna-se um fato. A Liturgia tem “a força do símbolo, que não consiste em remeter para um conceito abstrato, mas em conter e exprimir na sua concentração aquilo que significa” (DD 7).

## Referências

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia. (SC). Roma: 1963. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html). Acesso em: 14 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Carta apostólica Desiderio Desideravi*. (DD). Roma: 2022. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/20220629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/20220629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html). Acesso em: 14 nov. 2023.

GONZÁLEZ, A. *La novedad teológica de la filosofía de Zubiri*. Madrid: Fundación Xavier Zubiri, 1993.

MILLÁS, J. Zubiri y los sacramentos. *Gregorianum*, Roma, n. 82, 2, p. 299-323. 2001.

\_\_\_\_\_. *Cristianismo y realidad*. La credibilidad de Cristo en J. Monserrat y la novedad teológica de X. Zubiri. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2014.

ZUBIRI, X. *El Hombre y Dios*. (HD2). 2. ed. (1ª reimp., 2017). Madrid: Alianza/ Fundación Xavier Zubiri. 2012.

\_\_\_\_\_. *El Problema Teológico del Hombre: Dios, Religión, Cristianismo*. (PTH). 1. ed. Madrid: Alianza/ Fundación Xavier Zubiri. 2015.